
A temporalização na perda da evidência natural: uma análise fenomenológica da esquizofrenia em Wolfgang Blankenburg

Temporality of the loss of natural self-evidence: a phenomenological analysis of schizophrenia in Wolfgang Blankenburg

DOI: 10.12957/ek.2025.94522

Jordy Sartori Tamura¹

Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa – SP

jordytamura@yahoo.com.br

Guilherme Peres Messas²

Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa – SP

gmessas@gmail.com

RESUMO

Na obra *A perda da evidência natural: uma contribuição à psicopatologia oligossintomática da esquizofrenia*, Wolfgang Blankenburg descreve o que considera a essência da experiência da esquizofrenia: a perda da evidência natural (*Der Verlust der natürlichen Selbstverständlichkeit*). Na subseção B do capítulo 7, a descrição do autor é realizada a partir de um existencial heideggeriano, no caso, a temporalização (*Die Zeitigung*). A proposta do presente artigo é reconstruir o argumento de Blankenburg nessa subseção, de modo a apresentar ao leitor o que o autor entende por temporalização na experiência da esquizofrenia. Para isso, o texto está dividido em dois momentos: no primeiro, será abordada a noção de temporalização na obra *Ser e Tempo*, de Martin Heidegger; em seguida, será apresentado o modo como Blankenburg utiliza esse conceito para descrever a dimensão temporal da perda da evidência natural.

Palavras-chave

Esquizofrenia. Psicopatologia Fenomenológica. Temporalidade. Martin Heidegger. Psicose.

ABSTRACT

In *The loss of natural self-evidence: a contribution to the oligosymptomatic psychopathology of schizophrenia*, Wolfgang Blankenburg describes what he considers to be the essence of the schizophrenic experience: the loss of natural self-evidence (*Der Verlust der natürlichen Selbstverständlichkeit*). In subsection B of chapter 7, his description is developed on the basis of a heideggerian existential, namely temporalizing (*Die Zeitigung*). The purpose of this article is to reconstruct Blankenburg's argument in this subsection in order to present to the reader what the

¹ Psicólogo formado pela PUC-SP e mestre em Ciências da Saúde pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.

² Professor Associado do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

author understands by temporality in the experience of schizophrenia. To this end, the text is divided into two parts: first, the notion of temporality in Martin Heidegger's *Being and Time* will be examined; second, the way in which Blankenburg employs this concept to describe the temporal dimension of the loss of natural self-evidence will be presented.

Keywords

Schizophrenia. Phenomenological Psychopathology. Temporality. Martin Heidegger. Psychosis.

Introdução

O conceito de doença mental foi alvo de calorosas disputas ao longo da história, dando origem a uma série de teses concorrentes a respeito de sua natureza. Há aqueles que entendem o adoecimento mental como expressão de uma disfuncionalidade do cérebro, tratando-o como uma doença biológica (GRIESINGER, 2007); outros, por sua vez, afirmam que doenças mentais sequer existem, sendo antes um produto cultural danoso à sociedade (SZASZ, 1980).

Admitindo-se a existência da doença mental, permanece o problema de distinguir suas manifestações, podendo classificar suas possíveis formas particulares. Se até o início do século XIX a loucura era entendida como uma expressão homogênea, depois de Esquirol e do desenvolvimento da teoria das faculdades mentais, a psiquiatria gradativamente passou a se esforçar em classificar suas variadas formas (HEALY, 2002, p. 13-14).

Categorias nosológicas em psiquiatria são, antes de tudo, construtos teóricos concebidos para delimitar um campo de objetividade. Nesse aspecto, não há nada que diferencie a psiquiatria de outras disciplinas. Mesmo a física faz uso de categorias de análise para uma adequada investigação de seu campo de estudo, ao mensurar matematicamente o espaço físico. O conceito de esquizofrenia é um desses constructos. Também nele há uma série de debates a respeito de sua natureza (TAMURA e MESSAS, 2023): Emil Kraepelin, um dos primeiros proponentes, afirmou tratar-se de uma demência que se manifesta precocemente, admitindo um diagnóstico fatalista de progressiva deterioração das faculdades mentais; Eugen Bleuler, por sua vez, observou que a demência não é um prognóstico necessário, reconhecendo a cisão das faculdades mentais como sua característica fundamental. Além destes, cada escola desenvolveu um conceito próprio de esquizofrenia – inclusive os fenomenólogos (MINKOWSKI, 1989; BINSWANGER, 1977; SASS e PARNAS, 2003) –, dando origem a uma série de

definições concorrentes do mesmo fenômeno; esse conjunto de definições divergentes culmina na crise de confiabilidade que deu origem ao DSM-III (ANDREASEN, 2007).

Um desses modelos foi desenvolvido por Wolfgang Blankenburg na obra *A perda da evidência natural: uma contribuição à psicopatologia oligossintomática da esquizofrenia* (*Der Verlust der natürlichen Selbstverständlichkeit: Ein Beitrag zur Psychopathologie symptomarmer Schizophrenien*) (BLANKENBURG, 2012), publicada originalmente em 1971 e traduzida para o espanhol em 2013 (BLANKENBURG, 2013). Nela, o autor constata que as investigações fenomenológicas e analítico-existenciais sobre a esquizofrenia deram ênfase sobretudo ao delírio, deixando em segundo plano quadros nos quais os sintomas não se apresentam de forma tão “chamativa”. Blankenburg dedica-se a examinar as síndromes oligossintomáticas da esquizofrenia.

Ao longo do texto, o autor chama a atenção para dois problemas que estruturam sua obra: um de ordem filosófica e outro, clínico. O primeiro consiste em 1) elucidar fenomenologicamente como o ser humano se insere no mundo da vida (*Lebenswelt*); para tanto, ele parte de manifestações clínicas específicas — a esquizofrenia simples e a hebefrenia — com a intenção de compreender de que maneira, em geral, o homem se encontra situado no mundo. A análise desses casos singulares não tem, portanto, apenas valor descritivo, mas visa iluminar a estrutura da inserção do ser humano no mundo da vida. O segundo problema, por sua vez, diz respeito a 2) como essa inserção se altera nas vivências esquizofrênicas; para investigá-lo, Blankenburg analisa situações em que não se encontram delírios, buscando descrever fenomenologicamente aquilo que constitui a essência da esquizofrenia. Em suma, sua questão central é: o que há de comum nas múltiplas formas de expressão da doença? A resposta é o conceito que dá título à obra: a perda da evidência natural.

Para desenvolver esses pontos, Blankenburg apresenta o caso de uma paciente, Anne Rau. Em seu relato, a própria paciente afirma sofrer a ausência do que denomina *evidência natural* (*natürlichen Selbstverständlichkeit*). Ela explica:

Cada pessoa deve saber como se comporta, tem um caminho, uma forma de pensar. Suas ações, sua humanidade, sua sociabilidade, todas essas regras do jogo que segue: até agora eu não conseguia reconhecê-las de forma tão clara. Eu carecia dos fundamentos. (BLANKENBURG, 2013, p. 181, tradução nossa)

Um exemplo desse déficit aparece em sua dificuldade de escolher roupas. Para a maioria das pessoas, decidir o que vestir para ir ao mercado não constitui uma questão

complicada, mas algo evidente. Anne, porém, não conseguia realizar essa escolha irrefletidamente: embora soubesse quais roupas as pessoas costumam usar e tivesse acesso a elas, sentia-se obrigada a avaliar minuciosamente cada detalhe antes de se decidir. Na vida cotidiana, por outro lado, tal avaliação não é necessária, pois a escolha costuma se impor de forma óbvia.

Louis Sass (2000) formula a noção de perda da evidência natural nestes termos: “O senso inquestionável de familiaridade e da qualidade de fundo não problemático que normalmente permite a uma pessoa considerar como garantidos tantos dos elementos e dimensões do mundo social e prático” (p. 156). Segundo Sass, a evidência natural corresponde a esse senso de obviedade que guia nossas ações diárias e que é constituído intersubjetivamente. É precisamente essa obviedade que falta a Anne, e cuja ausência está relacionada a seu sofrimento.

A falta de habitualidade com as regras do jogo da vida cotidiana, como afirma Blankenburg, implica uma alteração radical na inserção do sujeito no mundo. Em situações comuns, sabemos de maneira tácita quais comportamentos são adequados ou inadequados: estar em uma lanchonete com os amigos, participar de uma entrevista de emprego e flertar em um encontro romântico exigem posturas diferentes. Essa orientação não é fruto de uma avaliação minuciosa, mas de uma familiaridade prática e interativa que sustenta nossas ações sem a necessidade de maiores esforços. Na esquizofrenia, entretanto, essa dimensão tácita se perde, e o sujeito se vê diante da necessidade de analisar exaustivamente cada situação para decidir como agir, sem nunca alcançar a fluidez e a obviedade que caracterizam a vida cotidiana.

Tal perda se manifesta em gestos e escolhas aparentemente banais, mas que prejudicam o bem-estar do paciente. A escolha de uma roupa, o modo de se dirigir a alguém ou a participação em uma conversa informal tornam-se tarefas árduas, nas quais é preciso refletir de forma minuciosa sobre detalhes que, para os outros, simplesmente ocorrem de maneira evidente. O esforço excessivo em tentar compensar essa falta de habitualidade conduz a uma vivência de estranheza ainda maior, pois a reflexão não consegue reconstruir o caráter tácito que sustenta nossa vida cotidiana.

Em suma, a falta de habitualidade não se reduz ao desconhecimento das normas sociais, mas a um estranhamento constitutivo em relação a elas. O paciente não ignora que existem tais regras, mas não consegue habitá-las de forma irrefletida, permanecendo

sempre em uma posição de exterioridade reflexiva. É essa distância que dá origem a comportamentos percebidos como inadequados ou excêntricos e que, no relato dos próprios pacientes, se traduz em sentimentos de infantilidade, vulnerabilidade ou mesmo de estar “virado do avesso” diante do mundo. Trata-se, portanto, de uma alteração estrutural na relação com a vida cotidiana, cuja compreensão fenomenológica é decisiva para captar a essência da esquizofrenia.

No capítulo 7 do texto, há quatro subseções, cada uma delas correspondendo a uma estrutura fenomenológica diferente: A) *conjuntura e contexto remissivo*, B) *temporalização* e C) *constituição do eu e autonomia* e D) *intersubjetividade transcendental*. Em cada uma delas, descreve-se diferentes aspectos da perda da evidência natural, tornando possível uma compreensão holística da experiência de Anne Rau. As estruturas fenomenológicas, ou existenciais, não devem ser entendidas como faculdades psicológicas que atuam independentemente e eventualmente podem parar de funcionar, tal como ocorre na audição com pessoas surdas. São condições necessárias para a consciência ser consciência, de modo que, na ausência de uma delas, a consciência é inconcebível. Consciência que não temporaliza é tão absurda quanto um triângulo sem três lados.

Na subseção B do capítulo VII, Blankenburg trata da temporalização na perda da evidência natural. A expressão “*Die Zeitigung*”, Otto Dörr e Elvira Edwards (2013) traduzem como “la temporalización”. De acordo com o autor, o que está em jogo na subseção não é a vivência subjetiva do tempo (*subjektive Zeiterleben* (BLANKENBURG, 2012, p. 114)), mas a constituição temporal do Dasein (*zeitliche Konstitution des Daseins* (idem)). O filósofo alemão também utiliza a expressão *Zeitigung* em diversas passagens de *Ser e tempo*:

De onde fica visível que a temporalidade temporaliza-se toda em cada estase, significando isto que a unidade estática da correspondente *temporalização plena da temporalidade* (*vollen Zeitigung der Zeitlichkeit*) funda a totalidade do todo-estrutural de existência, factualidade e decair, isto é, a unidade da estrutura-da-preocupação (HEIDEGGER, 2012, p. 951, grifo meu).

A noção heideggeriana de temporalização é indispensável para a compreensão do argumento de Blankenburg. A perda da evidência natural, de acordo com o psiquiatra, implica uma alteração na dimensão *a priori* do tempo. A inserção do ser humano no mundo da vida é tornada possível pela temporalidade, de modo que a alteração do existencial é um dos momentos estruturais da perda da evidência natural.

A proposta do presente trabalho é examinar um dos modelos teóricos desenvolvidos para tematizar o fenômeno da esquizofrenia, dando destaque a uma de suas estruturas: no caso, a temporalização da perda da evidência natural. A pretensão do artigo não é examinar a veracidade do modelo, ou seja, se ele apreende a real natureza da esquizofrenia, mas apenas reconstruir o argumento do autor.

1. Temporalização (*Die Zeitigung*)

O problema que dá origem a *Ser e tempo* é referente ao sentido de ser; “a interpretação do tempo como o horizonte possível de todo entendimento-do-ser em geral é sua meta provisória” (HEIDEGGER, 2012, p. 31). O tema do tempo não é apenas mais um conceito tratado em *Ser e tempo*, o que fica evidente no título, mas estrutura toda a obra. O tratado é dividido em duas partes: na primeira, analisa-se o Dasein cotidiano, elucidando seus existenciais; na segunda, analisa-se o Dasein autêntico. Enquanto na primeira parte os existenciais referentes à cotidianidade são descritos de maneira estática, o que pode dar a impressão de que se trata de um feixe desconexo de categorias, na segunda, a descrição do Dasein autêntico tem a finalidade de explicitar seu caráter unitário, o que é possibilitado pela temporalização.

Se, no capítulo 3, o autor descreve a mundidade do mundo, e, no 4, o si mesmo (*Selbst*) do Dasein, no 5, “o ser-em como tal” (HEIDEGGER, 2012, p. 375 - 507) (*Das In-Sein als solches*), ele procura descrever a relação entre Dasein e mundo. No entanto, não se trata de descrever a relação entre duas substâncias, mas a relação entre os dois levando em consideração sua dinâmica intencional. De acordo com o autor, o relacionar-se com o mundo em seu caráter intencional não é possibilitado por uma faculdade puramente intelectual. No parágrafo 12, o autor aponta que essa relação é marcada pelo caráter de familiaridade e ele faz referência ao morar na própria casa para descrever a origem terminológica da expressão “em” (“In”): “em alemão, *in*, em, provém de *innan* = morar, *habitare*, demorar-se em; ‘na’ significa estou acostumado, familiarizado com, cuido de algo, tendo a significação de *colo*, no sentido de *habito* e *diligo*” (idem, p. 173).

A expressão “sentir-se em casa” nos ajuda a entender o caráter de familiaridade descrita por Heidegger para tematizar o ser-em do Dasein cotidiano. O Dasein está *em* um mundo no qual habita de um determinado modo e faz dele sua morada: “não somos seres-no-mundo, por que nos encontramos em uma relação categorial com alguma

dimensão mais extensa chamada mundo, mas nós literalmente moramos no mundo” (CASANOVA, 2017, p. 153).

No capítulo 5, o autor menciona três existenciais que compõem o ser-em: disposição (*Befindlichkeit*), compreensão (*Verstehen*) e discurso (*Rede*). Cada um deles corresponde a três ecstases temporais distintas, as quais correspondem a outros conceitos correlatos. Disposição, facticidade e ser-jogado correspondem ao passado; compreensão, projeto e existência, ao futuro; e o presente é abordado nas noções de absorção e decadência (WRATHALL e MURPHY, 2013, p. 20). Não será seguida a ordem de exposição do capítulo 5, pois elas não são apresentadas ainda como três ecstases temporais, algo que só ocorre no capítulo 6 se referindo à estrutura do cuidado, sintetizada na formulação “ser-adiantado-em-relação-a-si-em (-o-mundo) como ser-junto- (ao-entendo-interior-do-mundo que vem-de-encontro)” (*Sich-vorweg-schon-sein-in- (der-Welt) als Sein-bei (innerweltlich begegnendem Seien-den)*) (HEIDEGGER, 2012, p. 547). A exposição a seguir será organizada com base nessa formulação.

1.1 Adiantado-em-relação-a-si

O Dasein é “adiantado-em-relação a si” (*Sich-vorweg-sein*) (HEIDEGGER, 2012, p. 547) na medida em que é compreensão. Trata-se de uma abertura a possibilidades que se conformam no interior do mundo. “O Dasein é cada vez o que ele pode ser e como ele é sua possibilidade” (HEIDEGGER, 2012, p. 409), ou seja, não é como se ele possuísse possibilidades determinadas, mas ele é sua possibilidade. As possibilidades que constituem o Dasein articulam-se na compreensão. A possibilidade mais primordial do compreender não é o compreender teórico, mas o “know how” (WRATHALL, 2013, p. 178). Como apontado no capítulo anterior, o autor explica que a compreensão do ser dos entes não depende de uma faculdade puramente intelectual, mas estamos imersos em uma lida prática com eles; compreender martelo implica menos um olhar contemplativo e mais uma habitualidade na lida prática com ele. A lida prática com o martelo implica uma finalidade determinada de seu uso, o que depende da rede referencial na qual está imerso, seja uma marcenaria ou um consultório médico, pois posso usá-lo para construir uma cadeira ou para testar os reflexos de um paciente. Nesses dois exemplos, não é necessário um esforço reflexivo por parte do marceneiro ou do médico para entender de que se trata (martelo), como manuseá-lo, e com qual finalidade operar esse manuseio. Alguém que

não tenha familiaridade com marcenaria ou com clínica neurológica certamente não realizará as referidas ações com a mesma destreza, e, nesse sentido, terá uma compreensão insuficiente de martelo.

Nesses dois casos, a compreensão de martelo depende de um projetar-se para as possibilidades do utensílio em cada uma das situações. Isso revela a prevalência do futuro no compreender, o que evidencia semelhança com a noção de protensão desenvolvida por Edmund Husserl (2017). Afinal, compreender martelo na marcenaria implica estar aberto a possibilidade de colocá-lo na caixa de ferramentas, procurar um prego para usar junto ao utensílio etc., e sei que essas possibilidades não se manifestam no martelo do consultório médico. A noção de interpretação (*Auslegung*), por sua vez, consiste na efetivação de uma das possibilidades abertas pela compreensão: “chamamos interpretação o desenvolvimento do compreender (*Verstehens*)”³ (HEIDEGGER, 2012, p. 421). Ainda que o Dasein se antecipe para possibilidades próprias ao martelo, em determinado momento, ou ele o coloca na caixa de ferramentas, ou o usa para pregar algo, ou fica simplesmente olhando para o utensílio. Uma vez que uma das possibilidades se efetiva, há uma atualização correspondente do campo potencial aberto pela compreensão, o que caracteriza a interpretação (CASANOVA, 2017, p. 183): após usar o martelo para pregar, posso usá-lo novamente, ou guardá-lo na caixa de ferramentas, ou alguma outra possibilidade. De acordo com Ernildo Stein (1971, p. 17), é na compreensão que se concentra o sucesso do método fenomenológico, já que a analítica do Dasein realiza uma explicitação do processo compreensivo-interpretativo da interpretação do ser.

A contribuição da noção de compreensão para pensar o problema da presente dissertação – a natureza da inserção do ser humano no mundo da vida – é a de que o ser humano não é simplesmente determinado por condições externas alheias a ele, mas se insere no mundo na medida em que projeta possibilidades específicas contidas em um contexto remissivo. O Dasein não recebe passivamente determinações do mundo, mas antecipa suas possibilidades correspondentes.

1.2 Adiantado-em-relação-a-si-já-sendo-em

Na formulação “adiantado-em-relação-a-si-já-sendo-em” (*Sich-vorweg-im-schon-sein-in*) (HEIDEGGER, 2012, p. 537) há o acréscimo do “já-sendo-em” (*im-schon-*

³ Tradução modificada

sein-in). O que está em jogo nesse acréscimo é que “a existencialidade é essencialmente determinada pela factualidade” (ibidem). O caráter de projeto só é possível em função de uma rede remissiva constituída factualmente no passado. A facticidade é a determinação existencial do Dasein (ESCUDERO, 2021, p. 311). A rede remissiva da oficina e no interior da qual o martelo se constitui não foi uma criação de um Dasein determinado. Não foi decisão minha o martelo ser o instrumento adequado para pregar um prego na parede, ainda que eu decida usá-lo com uma finalidade específica. Em um contexto remissivo, o Dasein não se projeta para possibilidades infinitas, há possibilidades que não lhe estão disponíveis. Se me encontro em uma longa fila de banco, tenho a possibilidade de esperar algumas horas até chegar minha vez ou ir embora, mas é impossível que, por um passe de mágica, eu seja o primeiro da fila. No entanto, mesmo que pré-estabelecidas, o Dasein não é indiferente a essas possibilidades, pois ele se importa com elas. Ao afirmar que o Dasein tem o caráter de *jogado* (*Geworfenheit*) (HEIDEGGER, 2012, p. 387), destaca-se que ele se encontra em um mundo histórico cujas possibilidades estão previamente constituídas, o que não o exime do caráter de cuidado:

Que o Dasein é lançado significa, principalmente, que seu “nascimento” (SZ 374) é algo que já passou e algo que o Dasein sofre passivamente. Em primeiro lugar, o surgimento do Dasein não é o resultado da ação do Dasein. Ele não escolheu ser nem ser o que é. Em segundo lugar, o surgimento do Dasein é algo que já aconteceu. Ter sido lançado na existência é ter ocorrido o lançamento (mesmo que, estritamente, ele ainda não tenha terminado).⁴ (WITHY, 2021, p. 753)

O caráter de jogado é tematizado no parágrafo 29, onde o autor fala de disposição (*Befindlichkeit*) e tonalidades afetivas (*Stimmung*). Por disposição, o autor entende que o Dasein está sempre afinado afetivamente, em outras palavras, sempre em uma tonalidade afetiva. Uma vez que se trata de um existencial, o que está em jogo na disposição é que mundo não consiste em um correlato esterilizado afetivamente, para que haja acréscimos subjetivos dotando-o de valência afetiva (HEIDEGGER, 2012, p. 383-399). Essa é a posição que, por exemplo, Theodor Lipps assume com sua noção de empatia de afetos (*Stimmungseinfühlung*) (THONHAUSER, 2021). Porém, encontramos-nos em um mundo que, por ser constituído intencionalmente, também é constituído afetivamente de

⁴ That Dasein is thrown means primarily that its “birth” (SZ 374) is something past and something that Dasein passively undergoes. First, coming into Dasein is not the result of Dasein’s agency. It did not choose either to be or to be what it is. Second, coming into Dasein is something that has already happened. To have been thrown into existence is for the throw to have already occurred (even if, strictly, it has not yet finished). (WITHY, 2021, p. 753)

antemão. As tonalidades afetivas e a disposição grifam o caráter de abertura do Dasein (KAHLMEYERS-MERTENS, 2020).

Não é possível pensar o caráter de morada do ser-em sem levar em consideração a disposição, uma vez que está em jogo no habitar uma tonalidade afetiva correspondente. Ou seja, não nos relacionamos com o mundo através de uma intelecção pura, mas há uma valência afetiva que constitui o habitar do ser-em. Ao se referir ao caráter de morada na relação com o mundo no Dasein cotidiano, não se trata de afirmar que mundo é um lugar inerentemente confortável – na verdade, a existência possui o caráter de ‘fardo’ (HEIDEGGER, 2012, p. 385), ainda que, na impropriedade, o Dasein possa se alienar dessa condição – mas que o caráter de familiaridade da cotidianidade torna possível um orientar-se irrefletido, seja em um dia alegre ou não. A disposição é o que torna possível o manejo irrefletido do martelo, viabilizado pela nossa lida habitual com ele (idem, p. 391).

A noção de disposição revela que a natureza da inserção do ser humano no mundo é inerentemente afetiva. Na cotidianidade, há um fardo que o Dasein carrega, mas que é mantido implícito. Por fim, ele não se insere em um mundo por livre escolha, mas é jogado nele. Há determinações prévias com as quais ele entra em contato à medida que está no mundo, como falar português, ter que pagar imposto de renda a depender de sua remuneração, comer usando garfo e faca etc.

1.3 Ser-adiantado-em-relação-a-si-em (-o-mundo) como ser-junto- (ao-ente-do-interior-do-mundo que vem-de-encontro)

A noção de discurso em *Ser e tempo* não se refere à emissão de uma mensagem por parte daquele que comunica. Ela é constituída onticamente. Para o autor, disposição, compreensão e discurso são existenciais descritos para tematizar o ser-em cotidiano, ou seja, são ontológicos. Ele afirma que a expressão logos (λόγος) foi entendida pela tradição como manifestação ôntica da linguagem por meio de enunciados. A noção de discurso pensada por Heidegger é uma tradução da expressão logos, que o autor situa ontologicamente (idem, p. 435 - 453).

Na percepção sensível, o Dasein não recebe estímulos visuais destituídos de sentido, os quais, em seguida, são tornados inteligíveis graças a uma “faculdade racional” da mente humana. Discurso é a articulação dos sentidos e dos significados que constituem o mundo, possibilitados pela *antecipação* de possibilidades que são suas no interior da

rede remissiva na qual o Dasein é *jogado*. Ou seja, os sentidos e os significados, que são articulados no discurso, devem ser entendidos em sua constituição temporal. De acordo com o autor, “o discurso é a articulação da compreensibilidade (*Verständlichkeit*)”⁵ (HEIDEGGER, 2012, p. 455). Além disso, discurso é condição de possibilidade para a interpretação e para as manifestações ônticas da linguagem, como a asserção (FULTNER, 2013). Em síntese, Dasein compreende mundo na medida em que antecipa as possibilidades no interior do contexto remissivo no qual foi jogado.

O presente não deve ser entendido como uma sequência de “agoras”, mas como uma síntese do “antecipar-se do projeto” e do “estar jogado em um mundo previamente constituído”. Uma vez que antecipo a possibilidade de esperar algumas horas na fila do banco, encontro-me em um estado de aborrecimento e me conformo em não conseguir assistir à novela das 6. Nesse sentido, as três ecstases temporais descritas por Heidegger não devem ser pensadas isoladamente, uma vez que cada uma delas pressupõe todas as outras: o presente se constitui não como um ponto isolado no agora, mas na articulação de possibilidades previamente constituídas.

O “ser-junto- (ao-ente-do-interior-do-mundo que vem-de-encontro)” deve ser entendido como o “estar absorvido no mundo da ocupação” (HEIDEGGER, 2012, p. 537) por que se foge do estranhamento próprio a angústia, caracterizando assim o que Heidegger chama de decadência (*Verfallen*). O caráter de fardo da existência manifesta-se no ser-em cotidiano de maneira encoberta, pois não há um tematizar explícito a respeito desse aspecto da própria existência por parte do Dasein inautêntico. É esse não tematizar explícito que permite estar junto aos entes.

1.4 A temporalidade como o sentido ontológico do cuidado

Se na primeira parte de *Ser e tempo* são descritos existenciais que constituem o ser-em do Dasein cotidiano, ou seja, os momentos constituintes de sua absorção no mundo, tornando possível um orientar-se irrefletido, na segunda parte, Heidegger se detém no modo de ser do Dasein não mais absorvido. Para isso, ele descreve a tonalidade afetiva fundamental da angústia e, conseqüentemente, as noções de ser-para-a-morte e de culpa, de modo a demonstrar a estrutura temporal do cuidado. Há aqui uma clara inspiração no conceito de angústia de Kierkegaard (2015), reconhecida por diversos

⁵ Tradução modificada.

autores da literatura secundária (HAN-PILE, 2013; HOLZHEY-KUNZ, 2021; BLATTNER, 2006)

A tonalidade afetiva da angústia torna claro ao Dasein que a familiaridade do mundo cotidiano não é uma condição existencial necessária, mas contingente. Na angústia, o Dasein se encontra em uma estranheza perante o mundo e as ocupações cotidianas correspondentes. Se, na vida cotidiana, realizamos ações sem ao menos refletir sobre sua razão, na angústia, a habitualidade perante o agir se desfaz. A estranheza característica da angústia não é apenas uma condição perante a realização de atividades cotidianas *per se*, mas se trata de uma estranheza perante a si mesmo (HEIDEGGER, 2012, p. 515 – 535).

Uma vez que o Dasein não é absolutamente absorvido pelas conformações dadas pelo mundo, – afinal, é também uma possibilidade agir em desacordo com elas - não é possível atribuir a algo externo a responsabilidade de suas ações. Não é Deus ou um princípio racional absoluto que determina nosso modo de se orientar no mundo e nossas ações correspondentes, mas o próprio modo de ser do Dasein, cabendo a ele a sua responsabilidade plena (CASANOVA, 2020, p. 75). Como essa responsabilidade se constitui? Com a noção de cuidado, Heidegger procura dar conta desse problema.

Heidegger procura articular os existenciais *disposição*, *compreensão* e *discurso* como constituintes da mesma totalidade. A noção de cuidado revela esses existenciais em seu caráter de unidade. Os possíveis usos da expressão inglesa “to care” ilustram a natureza dessa articulação:

Há tanto uma dimensão afetiva quanto uma dimensão projetiva no conceito de “cuidado.” A dimensão afetiva é indicada em expressões em inglês que envolvem a locução “care about” – por exemplo, “I couldn’t care less about X” (Eu não poderia me importar menos com X). Quando digo isso, indico que X não tem importância para mim. Por outro lado, o que importa para mim é algo que me toca, me afeta, algo pelo qual tenho interesse. A dimensão projetiva é indicada por expressões que envolvem a locução “taking care of” (cuidar de). Se eu cuido de X, faço-me (ou experimento-me como já) responsável por agir em relação a X, e comprometo-me com algum projeto que envolve X. Esses significados comuns de cuidado indicam as estruturas existenciais de disposição e compreensão, respectivamente.⁶ (WRATHALL e MURPHY, 2013, p. 18-19)

⁶ There is both an affective and a projective dimension to “care.” The affective dimension is indicated in English expressions involving the locution “care about” – for instance, “I couldn’t care less about X.” When I say this, I indicate that X does not matter to me. Conversely, what does matter to me is something that touches me, affects me, something in which I take an interest. The projective dimension is indicated by expressions involving the locution “taking care of.” If I take care of X, I make myself (or experience myself as already) responsible to act with respect to X, and I commit myself to some project that involves X. These

Hubert Dreyfus diz que, em conversa com Heidegger, apontou que a expressão inglesa “to care” tem a conotação de amor e cuidado; o filósofo alemão responde reconhecendo se tratar de uma feliz coincidência (“that was fortunate”). Nesse sentido, é possível admitir que amor e ser cuidadoso são manifestações ônticas do cuidado (DREYFUS, 1991, p. 239).

Além disso, a dimensão projetiva do cuidado está em jogo na compreensão. Compreender implica não apenas a constatação de um estado de coisas, mas um projetar-se diante das possibilidades futuras que se anunciam em determinada situação. Na medida em que as possibilidades antecipadas não são um inevitável destino, é também possível ao Dasein negá-las (REIS, 2014, p. 227 - 245). Dasein não é indiferente ao horizonte de possibilidades que ainda não ocorreram e que se anunciam na compreensão, pois cabe a ele decidir-se por um determinado modo. Está implícito na decisão o projetar-se para uma ou para outra possibilidade que é efetivada na interpretação. O decidir-se não ocorre em situações específicas: existindo, Dasein é sempre cuidado, pois está sempre se projetando e se decidindo.

O caráter de projeto só é possível em função de uma rede remissiva constituída no passado. Não se trata de possibilidades infinitas à disposição do referido Dasein, mas de aquelas viabilizadas pelo contexto remissivo no interior do qual ele é jogado. Ainda que sejam estabelecidas previamente, cabe a ele se decidir por uma delas. Na inautenticidade, tem-se a ilusão de que não há decisão, conforme se orienta pelas normas do mundo estabelecidas pelos outros (*Das Man*). Na angústia, há uma retração da familiaridade que torna possível ignorar o caráter de decisão do qual o Dasein não pode se alienar.

2. A temporalização na perda da evidência natural

A longa exposição das seções anteriores teve por finalidade apresentar ao leitor o modo como Heidegger desenvolve a noção de temporalização em *Ser e tempo*, conceito que estrutura toda a obra. Na subseção A da obra de Blankenburg (2013, p. 181-199), a menção às noções de conjuntura e de contexto remissivo que aparecem em *Ser e tempo* é decisiva para o desenvolvimento do argumento do autor. O pensamento do filósofo

ordinary meanings of care indicate the existential structures of disposedness and understanding respectively. (WRATHALL e MURPHY, 2013, p. 18-19)

alemão também é central na subseção B, o que se revela no seu título, “Die Zeitigung” (BLANKENBURG, 2012, p. 114). Uma vez que Dasein é cuidado, a responsabilidade plena pelo seu existir é inalienável; é temporalizando-se que ele se projeta para possibilidades constituídas previamente, cabendo apenas a ele a decisão pela efetivação de uma delas. A seguir, descrever-se-á a temporalização na perda da evidência natural, tal como descrito por Blankenburg.

2.1 Perda da evidência natural e ser-em cotidiano

Na primeira parte de *Ser e tempo*, Heidegger (2012, p. 139 - 639) descreve o modo de ser do Dasein impróprio. Na impropriedade, Dasein age como os outros (*Das Man*) agem e de maneira irrefletida (idem, p. 333 - 375), dado sua familiaridade com o mundo. A relação do Dasein com o mundo é comparada ao habitar a própria casa (idem, p. 169 - 187), o que torna possível uma vida irrefletida em relação aos diferentes contextos remissivos. No entanto, como descrito no capítulo anterior, essa habitualidade se ausenta na perda da evidência natural, de modo que há um abandono das regras do jogo constituídas intersubjetivamente.

Ainda que o pensamento de Heidegger seja muito decisivo na obra do autor, não há menção em Blankenburg a conceitos como autêntico e inautêntico, tampouco angústia ou ser-para-a-morte. Mesmo que a noção de tempo seja exposta em toda a sua envergadura na segunda parte de *Ser e tempo*, a falta de familiaridade descrita pelo autor na perda da evidência natural não corresponde à descrição heideggeriana de angústia.

Binswanger (1977), por sua vez, menciona essa oposição, ao apontar que a excentricidade esquizofrênica é caracterizada pela inautenticidade. Para o autor, na medida em que o excêntrico se orienta a partir das determinações do mundo, ele o faz com base em um “tema universal” (idem, p. 84), sem conseguir conformar esse tema em contextos remissivos específicos, de modo a agir de maneira descontextualizada. Na passagem a seguir fica explícita a menção à oposição autêntico e inautêntico na *Daseinsanalyse* do autor:

Mais ainda; embora o em-vista-de do ser do ser-aí, em conformidade com a estrutura do ser-no-mundo em geral, esteja remetido a e na dependência do ser-para, logo na mundanidade, o ser-aí excêntrico exhibe, mais uma vez, uma peculiaridade na medida em que está remetido a e na inteira dependência do ser-para, compreendendo-se, assim, inteiramente a partir do mundo e, nessa medida, inautenticamente. Ou por outras, ele não se compreende na individuação da existência ou do Si (Selbst) autêntico. (E muito menos, naturalmente, se compreende como parte integrante do Nós do amor!) (ibidem)

Deve-se levar em consideração que Binswanger propõe correções na analítica do Dasein ao desenvolver a noção de amor, o que implica uma alteração na oposição entre autêntico e inautêntico, ainda que se trate de uma formulação duramente criticada por Martin Heidegger (LOPARIC, 2002).

Ainda que haja claras semelhanças entre a formulação binswangeriana da esquizofrenia e a perda da evidência natural, em vez da oposição autêntico e inautêntico, a referência usada por Wolfgang Blankenburg para tratar da alteração da inserção do ser humano no mundo da vida é a *epoché* husserliana. Enquanto o filósofo performa a *epoché* com a finalidade de restringir um determinado âmbito de investigação, a pessoa com esquizofrenia realiza a *epoché* de maneira involuntária; em ambos os casos, há uma perda da ancoragem no mundo da vida (BLANKENBURG, 2013, p. 156 - 158). A alteração da inserção do ser humano no mundo da vida, tanto na *epoché*, quanto na perda da evidência natural, não implica plenamente uma abertura explícita à própria finitude ou à assunção, isto é, uma responsabilidade pela própria existência.

2.2 Alteração transcendental da temporalidade

Na subseção anterior, dissemos que há uma alteração de natureza estrutural na perda da evidência natural, que implica uma alteração correspondente da conjuntura e do contexto remissivo; o mesmo é válido para a dimensão transcendental da temporalidade. Blankenburg chama atenção para o uso que Anne Rau faz da expressão “antes de” (*vor dem*). De acordo com o autor, trata-se de uma anterioridade de ordem transcendental, mas não de ordem cronológica (idem, p. 189 - 191). Nela, o autor destaca o aspecto conjuntural e remissivo dessa alteração, o que implica uma não familiaridade para as regras do jogo constituídas intersubjetivamente. Acontece que essas regras do jogo são também constituídas temporalmente, uma vez que implicam uma abertura antecipativa diante das possibilidades constituídas previamente pelo contexto remissivo.

Afinal, as regras do jogo implicam modos de temporalização: retomando o exemplo do jogo de pôquer, a todo momento estou antecipando possibilidades específicas, como aumentar a aposta ou não; mas sou jogado em uma atividade composta por regras específicas que são dadas de antemão.

Não se trata de uma alteração do tempo objetivo (idem, p. 199 - 200), mas do tempo enquanto estrutura *a priori* (idem, p. 205). Os existenciais descritos na primeira

parte de *Ser e tempo* para se referir ao Dasein impróprio permitem que Heidegger descreva uma familiaridade em relação ao mundo, o que constitui a cotidianidade. Essa familiaridade se ausenta na perda da evidência natural, constituída por um arranjo alterado dos existenciais.

O autor resgata o exemplo da dificuldade em escolher um vestido para sair, decorrendo em um questionamento sem fim a respeito das razões de um vestido ser adequado para determinada situação ou não. Anne diz que "conseguir antes (*vor dem*) uma relação adequada com isso, para quê serve, por exemplo; isso me falta. Eu nunca sei o que fazer com isso"⁷ (idem, p. 201). A adequabilidade do vestido em determinado contexto é algo estabelecido previamente pela cultura em que se vive; no entanto, escolher determinada roupa implica em uma abertura antecipativa para quais possíveis roupas usar. Eu antecipo a possibilidade de ir com determinada roupa ao supermercado, mas não nu, pois sei que a nudez é inadequada para esse contexto.

Enquanto *a priori* transcendentais, tanto a dimensão conjuntural e remissional quanto a temporal, permanecem implícitas no cotidiano. A finalidade da *epoché* husserliana é justamente explicitar estruturas transcendentais do mundo da vida/atitude natural (MORAN, 2013). Por se tratar de uma *epoché involuntária*, há também uma explicitação dessas estruturas transcendentais na perda da evidência natural. Não que Anne possua uma clareza teórica dos *a priori* apenas pelo fato de ter esquizofrenia, mas a todo momento ela questiona as obviedades das regras do jogo da vida cotidiana, sem nunca chegar a uma resposta. Blankenburg (2013) aponta que "O que deveria ter caráter apriorístico torna-se ele próprio temático, ou seja, transforma-se em um tema vital, adquirindo assim um caráter, de certo modo, aposteriorístico"⁸ (p. 205). Nesse sentido, a estrutura *a priori* da temporalidade perde seu caráter de obviedade. A seguir, algumas expressões disso.

2.3 Incerteza de que a experiência irá percorrer o caminho mais seguro

Ao tematizar o existencial compreensão (*Verstehen*), Heidegger (2012, p. 407 - 421) chama a atenção para o seu aspecto antecipativo. Compreender martelo é se antecipar para suas possibilidades contidas em determinado contexto remissivo. Do

⁷ "lograr *antes (vor dem)* una relación adecuada com ello, para qué sirve, por ejemplo; eso me falta. Yo nunca sé qué hacer com ello"

⁸ "Lo que debiera tener carácter apriorístico deviene él mismo temático, es decir, se transforma em um tema vital, adquiriendo así um carácter, em certo modo, aposteriorístico"

mesmo modo, as regras de jogo da vida cotidiana implicam um se projetar para possibilidades futuras: na perda da evidência natural, há uma alteração dessa projeção.

Escolher um vestido para determinada situação implica em um se projetar para quais vestidos usar e como seria usá-los na situação futura. Mesmo após refletir muito, Anne não se sente confiante em usar determinado vestido em determinada ocasião, pois ela tem dificuldade em antecipar uma situação futura segura em que estará usando o vestido; através da reflexão, ela pensa a respeito de todas as variáveis para identificar o vestido certo para ser usado em um evento que está por vir. Afinal, ir nu ao supermercado se trata de uma situação bastante constrangedora e que poucos gostariam de passar; e se houver alguma outra roupa que gere um constrangimento semelhante e que fui incapaz de identificar?

Blankenburg (2013) destaca a queixa de que "É tão difícil permanecer em uma linha"⁹ (p. 202). A inserção habitual do ser humano no mundo da vida é tornada possível por antecipações em conformidade com o "senso comum" (BLANKENBURG, 2001). Ou seja, a confiança na compreensão da rede de sentidos e significados que constitui o mundo e que são estabelecidas intersubjetivamente. Estou habituado a quais roupas usar para determinado evento, de modo que confio no meu julgamento em usar uma camiseta e uma calça jeans para ir ao mercado. Essa confiança se retrai na perda da evidência natural, o que a impede de "permanecer em uma linha", uma vez que ela se sente insegura sobre o que ocorrerá – mantendo-se na metáfora – na continuidade da linha.

Na subseção A, o autor explicita que a rede remissiva perde seu "caráter obrigatório"¹⁰ (BLANKENBURG, 2013, p. 184). Uma vez que a rede remissiva não é constituída apenas de elementos imediatamente presentes, mas também pelos antecipados no para-quê da ação correspondente, o seu "caráter obrigatório" é aquilo que permitiria orientar-se de maneira irrefletida. Em outra passagem, o autor faz menção a um impulso que acompanha cada ação: enquanto cada ação está sempre acompanhada desse impulso, na perda da evidência natural, esse impulso torna-se uma tarefa (idem, p. 201). No uso do martelo, há um "impulso" que mobiliza essa ação para determinada finalidade, de modo que esse gesto se realiza de maneira irrefletida na cotidianidade. Ao me vestir, há também um impulso que orienta minhas ações e permite que não reflita sobre cada detalhe delas.

⁹ "es tan difícil permanecer em una línea"

¹⁰ "carácter obligatorio"

Para compensar essa falta, há um esforço racional correspondente para conquistar tanto o “caráter obrigatório”, quanto o “impulso”. Há claras semelhanças com a noção de racionalismo mórbido, desenvolvida por Minkowski (2019). É através da reflexão que Anne procura conquistar a obviedade em usar determinado vestido em determinado contexto. Ela insiste em perguntas aparentemente ingênuas, por não ter como garantidas determinadas verdades.

Não se trata de compreender a angústia como a mobilizadora dessa perda de confiança no mundo. Na angústia, há uma antecipação explícita em relação à morte e uma assunção plena da responsabilidade por ser quem se é (HEIDEGGER, 2012, p. 653 - 735). A perda na confiança do mundo, na esquizofrenia, é de outra ordem. É uma desconfiança de quem não está habituado aos mais diversos contextos remissivos e não consegue se familiarizar com as regras do jogo constituídas intersubjetivamente; e com isso, não consegue antecipar possibilidades garantidas decorrentes de seu orientar no mundo, sentindo-se inseguro em relação ao futuro.

2.4 Tudo era diferente a cada manhã

Em uma situação nova e significativa, como primeiro dia de aula, é comum refletir bastante a respeito do que pode vir a acontecer, de modo a evitar possíveis situações constrangedoras; conforme o indivíduo se habitua ao ambiente do colégio, não é mais necessário esse tipo de reflexão. Essa habitualidade, tornada possível pela repetição, é algo que Anne nunca consegue conquistar, o que justifica a seguinte queixa: "Anne se queixava de que toda manhã imaginava 'que tudo era novamente diferente.'"¹¹ (BLANKENBURG, 2013, p. 199). Quando se perguntava o que exatamente era distinto, ela respondia que era a vida, os deveres, o ser humano, e, ao mesmo tempo, reconhecia que essas palavras não eram o suficiente para expressar o que queria dizer. A dificuldade em expressar adequadamente a sua experiência e a razão de seu sofrimento aparece em diversos momentos de seu relato. No entanto, na passagem acima, o psiquiatra chama a atenção para a dimensão temporal que seu relato revela: ainda que, a cada manhã, Anne vivenciasse os mesmos eventos, era como se eles sempre lhe parecessem distintos.

O mesmo vale para a escolha de uma roupa para sair. Não se trata de um evento que ocorre em situações excepcionais da vida de Anne, sempre que se precisa sair de casa,

¹¹ “Ane se quejaba de que ella cada mañana se imaginaba ‘que todo era outra vez distinto’”

é necessário usar uma roupa determinada; por se tratar de uma ação bastante recorrente, é natural que nos habituemos com essa escolha, algo que nunca ocorre com Anne.

A alteração vivida por Anne não consiste em uma amnésia, uma vez que a moça não teve dificuldade de se lembrar de eventos do dia anterior. Esse argumento reforça que a esquizofrenia não é algo da ordem da demência, uma vez que não está em jogo um enfraquecimento intelectual (MINKOWSKI, 2019, p. 58 - 70). No entanto, Blankenburg não faz menção às categorias bergsonianas de instinto e de inteligência, mas aos *a priori* fenomenológicos, o que o aproxima de Binswanger (1977).

Heidegger aponta que o Dasein se encontra na condição de jogado em um mundo cujas possibilidades estão previamente constituídas: é nesse sentido que Dasein temporaliza. Blankenburg acrescenta que na perda da evidência natural, o indivíduo não se habitua ao mundo com possibilidades constituídas de antemão e no qual é jogado. Desse modo, Anne experimenta os mesmos eventos todos os dias e na medida em que não se habitua a eles, vivencia-os como se fossem diferentes.

Essa não habitualidade implica uma afetividade correspondente em relação ao mundo da vida. A moça aponta que se sente *afetivamente* em outro mundo, uma vez que ela não acessa a tonalidade afetiva correspondente à habitualidade. Não se trata de um mundo com conteúdos perceptivos distintos daqueles que as outras pessoas têm acesso, não há relatos de delírios por parte de Anne. O psiquiatra se aprofunda pouco na dimensão afetiva da perda da evidência natural, há apenas uma rápida menção (BLANKENBURG, 2013, p. 202). Um autor que fala mais detidamente da dimensão afetiva do pródromo da esquizofrenia é Thomas Fuchs, no texto “O estranho como atmosfera” (FUCHS, 2018) (“*Das Unheimliche als atmosphäre*” (FUCHS, 2011)), no qual mostra que a estranheza ou infamiliaridade¹² descrita por Freud (2020) corresponde à dimensão afetiva experienciada no pródromo da psicose.

Além disso, para Anne, parece não haver diferença entre aquilo que acabou de acontecer, eventos do dia anterior e aqueles da primeira infância. Não é como se ela confundisse a sequência dos eventos, entendendo que um determinado acontecimento da primeira infância ocorreu depois daquele efetivado no dia anterior; de acordo com o autor, a captação do tempo objetivo não era alterada, o que também é reforçado por ela não estar

¹² Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares (2020) traduzem a expressão *Das Unheimliche* como “infamiliaridade” nas *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, publicados pela editora Autêntica.

incapacitada de lembrar o que ocorreu nos dias passados. Havia uma "falta de continuidade para trás, mas de um tipo especial" (BLANKENBURG, p. 199).

A noção husserliana de retenção é decisiva aqui: para o autor, trata-se de um *a priori* que torna possível o entendimento dos objetos em sua duração temporal. O exemplo usado por Husserl para descrever a constituição da duração dos objetos é a melodia. Quando se ouve a sequência de sons, não é como se as notas anteriores desaparecessem completamente do campo da consciência e permanecessem apenas a nota atualmente presente. As notas anteriores são retidas para que a nota atual seja entendida enquanto momento presente da melodia (HUSSERL, 2017). Eventos de nossa história de vida também são retidos conforme os anos passam. Não se trata de uma noção circunscrita a determinados objetos, como no caso da melodia. Nesse sentido, não é como se Anne tivesse perdido ou diminuído a retenção, mas se trata de sua alteração, na qual eventos passados retidos nunca se tornam habituais. Em outras palavras, a perda da evidência natural também abarca a relação do indivíduo com momentos passados, dando a impressão de falta de continuidade.

2.5 Encontrar limites na finitude através do suicídio

Ainda que não haja menção à angústia na subseção B, o autor faz reflexões a respeito das tentativas de suicídio de Anne. A noção de angústia em *Ser e Tempo* é intimamente ligada ao ser-para-morte: a antecipação para a própria finitude implica na mobilização da tonalidade afetiva fundamental da angústia, onde o modo de ser impróprio se retrai. O suicídio é tratado no texto em poucas linhas e o autor não dá a entender que as tentativas de pôr fim à própria vida sejam aquilo que Loparic chama de “antecipação resolvida da morte” (LOPARIC, 2004, p. 49).

No entanto, Blankenburg entende essas tentativas como modo de encontrar seu lugar na finitude; não se trata de um excesso de sofrimento, mas uma forte vontade de colocar limites na existência (BLANKENBURG, 2013, p. 205). A evidência natural torna possível esse tipo de limite, uma vez que se o indivíduo se projeta em um mundo no qual está habituado.

Conclusão

As conceituações da esquizofrenia realizadas pela psicopatologia fenomenológica são significativamente heterogêneas: ainda que em todas elas a

fenomenologia exerça um papel analítico decisivo, existem diferenças importantes entre cada um dos modelos. Não se espera algo diferente de qualquer disciplina científica.

O uso dos a priori fenomenológicos na descrição de diferentes fenômenos psicopatológicos é um importante diferencial da psicopatologia fenomenológica. Uma de suas vantagens é dar o devido destaque a experiência temporal, algo ignorado no DSM-V. Contudo, o conceito de temporalidade em fenomenologia é muito diferente do adotado por outras disciplinas e mesmo de nosso senso comum, o que exige uma série de cuidados para uma adequada formulação teórica e aplicação na análise de um fenômeno empírico.

Wolfgang Blankenburg é um exemplo de autor que realiza essa aplicação na análise de um caso clínico e na conceituação de uma categoria nosológica. O objetivo do trabalho não é entrar no mérito da validade desse conceito, uma vez que formulações posteriores identificam limitações nesse modelo, propondo alterações importantes (SASS, 2001). Ainda que o objetivo não seja dar uma resposta final à real natureza da esquizofrenia, a descrição de um aspecto do modelo de Blankenburg – a temporalização na perda da evidência natural – é um passo modesto para o resgate do problema: afinal de contas, o que devemos entender por esquizofrenia?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREASEN, N. C. DSM and the death of phenomenology in America: an example of unintended consequences. *Schizophrenia Bulletin*, v. 33, n. 1, p. 108-112, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/schbul/sbl054>. Acesso em: 8 out. 2025.
- BINSWANGER, L. *Três modos da existência malograda: extravagância, excentricidade e amaneiramento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BLANKENBURG, W. *Der Verlust der natürlichen Selbstverständlichkeit: ein Beitrag zur Psychopathologie symptomarmer Schizophrenien*. Berlin: Parodos Verlag, 2012.
- BLANKENBURG, W. *La pérdida de la evidencia natural: una contribución a la psicopatología de la esquizofrenia*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2013.
- BLATTNER, W. *Heidegger's "Being and Time": a reader's guide*. New York; London: Continuum International Publishing Group, 2006.
- CASANOVA, M. *Mundo e historicidade: leituras fenomenológicas de Ser e Tempo. Volume 1: existência e mundaneidade*. Porto Alegre: Via Verita, 2017.
- CASANOVA, M. *Mundo e historicidade: leituras fenomenológicas de Ser e Tempo. Volume 2: tempo e historicidade*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2020.
- DREYFUS, H. *Being-in-the-world: a commentary on Heidegger's Being and Time, division I*. Massachusetts: MIT Press, 1991.

- ESCUADERO, J. A. Facticity (Faktizität). In: WRATHALL, M. (ed.). *The Cambridge Heidegger Lexicon*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2021. p. 311-312.
- FREUD, S. O infamiliar (1919). In: FREUD, S. *O infamiliar e outros escritos*; seguido de *O Homem da Areia*, E. T. A. Hoffmann. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 27-126. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- FUCHS, T. O estranho como atmosfera. In: —. *Para uma psiquiatria fenomenológica: ensaios e conferências sobre as bases antropológicas da doença psíquica, memória corporal e si mesmo ecológico*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.
- FUCHS, T. Das Unheimliche als Atmosphäre. In: ANDERMANN, K.; EBERLEIN, U. (ed.). *Gefühle als Atmosphären: neue Phänomenologie und philosophische Emotionstheorie*. Berlin: Akademie Verlag, 2011. p. 167-182. Disponível em: <https://doi.org/10.1524/9783050061368.167>. Acesso em: 11 set. 2025.
- GRIESINGER, W. Tratado sobre patologia e terapêutica das doenças mentais. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 692-695, dez. 2007.
- HAN-PILE, B. Freedom and the “choice to choose oneself” in *Being and Time*. In: WRATHALL, M. (ed.). *The Cambridge Companion to Heidegger’s Being and Time*. New York: Cambridge University Press, 2013.
- HEALY, D. *The creation of psychopharmacology*. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 2002.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HOLZHEY-KUNZ, A. *Verdade emocional: o conteúdo filosófico das experiências emocionais*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.
- HUSSERL, E. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.
- KAHLMAYER-MERTENS, R. S.; SANTOS, G. A. Befindlichkeit e Stimmung, das tonalidades afetivas na analítica existencial de Heidegger. *Revista Ekstasis*, v. 9, n. 1, p. 179-194, 1 jul. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/Ekstasis/article/view/49403>. Acesso em: 11 set. 2025.
- KIERKEGAARD, S. *O conceito de angústia*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LOPARIC, Z. *Ética e finitude*. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2004.
- MINKOWSKI, E. *La esquizofrenia: psicopatologia de los esquizoides y los esquizofrénicos*. Barcelona: Editorial Paidós, 1989.
- MINKOWSKI, E. A noção de perda do contato vital com a realidade e suas aplicações em psicopatologia (Tese de Paris, 1926). In: MINKOWSKI, È. *Além do racionalismo mórbido*. São Paulo: Escuta, 2019. p. 33-50.
- REIS, R. R. dos. *Aspectos da modalidade: a noção de possibilidade na fenomenologia hermenêutica*. Porto Alegre: Via Verita, 2014.

SASS, L. A. Self and World in Schizophrenia: Three Classic Approaches. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, v. 8, n. 4, p. 251-270, 2001. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1353/ppp.2002.0026>. Acesso em: 04 out. 2025.

SASS, L. A. Schizophrenia, self-experience, and the so-called ‘negative symptoms’. In: ZAHAVI, D. (org.). *Exploring the self: philosophical and psychopathological perspectives on self-experience*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 149-184.

SASS, L. A.; PARNAS, J. Schizophrenia, consciousness, and the self. *Schizophrenia Bulletin*, v. 29, n. 3, p. 427-444, 2003. <https://doi.org/10.1093/oxfordjournals.schbul.a007017>. Acesso em: 11 set. 2025

STEIN, E. Introdução ao método fenomenológico heideggeriano. In: HEIDEGGER, M. *Sobre a essência do fundamento. A determinação do ser do ente segundo Leibniz. Hegel e os gregos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971. p. 7-26.

SZASZ, T. O mito da saúde mental. In: SZASZ, T. *Ideologia e saúde mental: ensaios sobre a desumanização psiquiátrica do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. p. 19-31.

TAMURA, J.; MESSAS, G. Esquizofrenia em Eugène Minkowski e Ludwig Binswanger: sobre a perda do contato vital com a realidade e a excentricidade. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, v. 12, n. 1, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.37067/rpfc.v12i1.1137>. Acesso em: 11 set. 2025.

THONHAUSER, G. Beyond mood and atmosphere: a conceptual history of the term *Stimmung*. *Philosophia*, v. 49, n. 3, p. 1247-1265, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11406-020-00290>. Acesso em: 11 set. 2025.

WITHY, K. Thrownness (Geworfenheit). In: WRATHALL, M. (ed.). *The Cambridge Heidegger Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 753-757.

WRATHALL, M. Heidegger on human understanding. In: WRATHALL, M. (ed.). *The Cambridge Companion to Heidegger's Being and Time*. New York: Cambridge University Press, 2013. p. 177-200.

Recebido em: 08/10/2025 | Aprovado em: 24/02/2026